

Anna Wolny

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

A POLACA – A MULATA AO AVESSO?

Muito já tem sido escrito sobre a criação e a existência da figura da mulata no Brasil, tanto na antropologia e na sociologia como na literatura. Sem dúvida, a mulata é uma das figuras femininas que mais suscitam interesse, seja pela sua vasta presença e importância ou pelo seu caráter ambivalente e ambíguo. As personagens literárias mais famosas que representam este tipo de feminilidade exacerbada são as mulatas de Jorge Amado, com a famosíssima Gabriela do romance *Gabriela, cravo e canela*, presente não só nas cartas do livro como também na cultura e no imaginário popular, graças às várias adaptações do livro nas telenovelas e nos filmes. A mulata tem-se tornado ao longo dos séculos um dos símbolos do Brasil, representando ao mesmo tempo as suas características histórico-sociológicas (a miscigenação), o seu condicionamento geográfico (por manifestar a sua origem tropical no modo de vestir-se) e um vago prenúncio de uma das suas facetas culturais, por bem ou por mal a mais globalmente popularizada.

O objetivo deste trabalho é mostrar e argumentar a possibilidade e a validade de encontrar para a mulata o seu equivalente dentro da mesma área cultural e regido pelas leis muito parecidas. Assim, vão ser citados alguns trechos de obra crítica literária sobre a mulata na literatura e na sociedade, porém, sem entrar nos pormenores para podermos nos focar apenas no que melhor pode servir na comparação e no contraste entre a mulata e a polaca.

A partir de representações e comentários feitos a propósito da mulata, vamos observar como foram deslocados os seus atributos para a polaca. Vamos também tentar desvendar quais foram e quais são os objetivos e os efeitos deste procedimento. Obviamente, não pode (nem deve) existir um termo igual, pois seria desnecessário e redundante; no caso da polaca trata-se mais de uma construção que em vários níveis se assemelha à anterior e cujo estudo pode também contribuir à melhor compreensão das duas.

A polaca, tal como a mulata, é um objeto construído através do discurso que lhe atribui as características que denunciam as regras por ele impostas. Trata-se de um discurso masculino, sexualizado, profundamente marcado pelo patriarcalismo e machismo. Tomemos como exemplo dessa denúncia o caso da frequente representação da mulata como um ser submisso e destinado a cumprir deveres domésticos por ordem de figura masculina principal e dominante. Incutindo à figura feminina este tipo de servilismo, mais do que revelar o seu verdadeiro caráter, esse tipo de imagens afirma o desejo e a expectativa do narrador masculino. Analisando este condicionamento, vamos debruçar-nos sobre as questões de relações de género e de raça, inseparavelmente ligadas com a problemática da presença feminina na literatura brasileira.

É importante destacar desde o início a existência de dois possíveis significados do próprio termo “polaca”. O primeiro sentido, e é esse de que se vai tratar principalmente neste trabalho, é a “polaca” não necessariamente proveniente do território da Polónia, mas sim, uma imigrante europeia que se encontra no Brasil na condição de uma mulher da vida, seja por escolha própria (o que é um caso menos frequente e ainda menos apresentado na literatura), seja por ser vítima de engano e de abuso. A outra “polaca”, muito frequentemente chamada de “polaquinha”, é um tipo de imagem feminina presente no Sul do Brasil, onde continua viva a memória da imigração polonesa. Mesmo sendo as duas criaturas de outros mundos e outras realidades, pode-se traçar um paralelo entre elas, já que ambas aparecem nos discursos de forma muito parecida e são criações culturais baseadas nas mulheres vindas de fora da cultura brasileira, imigrantes em todos os sentidos da palavra. A polaca e a polaquinha-polonesa são supostamente mulheres cuja característica denominadora é a sua vitalidade sexual, o seu lado atrativo e sedutor. Ambas pecam com aquilo em que se destacam e ambas sofrem o mesmo castigo de exclusão e preconceito. Contudo, não se deve esquecer que se trata de duas figuras diferentes.

Indicar o momento em que a polaca-prostituta aparece pela primeira vez na literatura seria uma tarefa difícil, já que em muitos casos se trata de aparições momentâneas e do segundo plano da narrativa. Ainda assim, a presença da polaca na literatura brasileira é um fato incontestável e que merece ser estudado de uma maneira mais aprofundada, sendo ela uma “figura conceitualmente tão rica” (Corrêa 2009: 240) como a sua irmã a mulata. As obras tomadas como exemplos neste trabalho pertencem a etapas e estilos literários diferentes; o seu fator comum é a focalização na figura feminina designada ao longo do livro como “polaca”. Também o seu valor literário é desigual – mas antes de ser um obstáculo, essa constatação suscita uma reflexão interessante sobre a permeabilidade com a qual a polaca entrou no imaginário brasileiro e nas suas diversas manifestações, das mais cultas às mais populares.

Pode-se tentar provar a semelhança de representação da polaca e da mulata recorrendo ao início do processo que as criou – a famosa miscigenação brasileira, um fenómeno tão largamente descrito e comentado na sociologia brasileira, começando pela obra de Gilberto Freyre (1980). A mulata, cronologicamente anterior à polaca, surge como o resultado do processo da miscigenação e a polaca pode ser caracterizada como o resultado inesperado da adição de mais um elemento no cadinho que constitui a cultura brasileira. Este acréscimo foi obviamente a imigração europeia, com o destaque particular dos seus representantes judaicos. Ao longo das obras que se propõem a interpretar o Brasil e a sua cultura, tais como o livro já mencionado de Freyre (1980) ou *Raízes do Brasil* (Holanda 1995) os historiadores e sociólogos tentam definir uma maneira de acertar as contas com o passado histórico. O Brasil, para poder conseguir formar a sua identidade nacional independente, precisa de alguma forma refletir e reorganizar vários elementos do seu passado que contradizem o seu presente e podem constituir uma ameaça para o seu futuro. O primeiro deles é a escravidão e as questões implicadas pela miscigenação. O segundo é a maneira de gerir o particularismo com o individualismo, de poder conciliar o elemento estrangeiro, presente na sua formação desde o início da colonização, até as ondas de imigrantes que complicam mais ainda a sua estrutura social a partir dos meados do século XIX.

Como já foi mencionado, desde logo o pesquisador depara-se com um problema essencial que é a suposta ligação da polaca-prostituta com a imigração polonesa, facilmente questionável, considerando que eram dois grupos de imigrantes de caráter e propósitos diferentes. Os primeiros habitantes da Polónia chegam ao Brasil em resposta ao incentivo do governo brasileiro que, depois da abolição da escravidão em 1888, encontra-se numa situação económica carente. O trabalho físico, sempre desprezado como um dever do escravo e a razão da sua existência na margem da sociedade, passa a ser uma área em que falta a mão-de-obra. Quem responde a esta demanda nova, são os pobres imigrantes de várias partes da Europa, flagelada por uma crise económica e sobrepovoada. Os imigrantes que, ao descobrirem a dificuldade de se encaixar no mundo industrializado que está a nascer, encontram-se inúteis com a sua vocação agrária.

Do outro lado, e cronologicamente em simultâneo, temos o termo “polaca”, que vem associado às mulheres trazidas para o Brasil pelos traficantes de escravas brancas reunidos em associações como Zvi Migdal¹. A dificuldade em discernir os dois grupos pode ser explicada por vários argumentos. O primeiro é a questão identitária, que nessa época ainda não implica possuir uma nacionalidade, um conceito ainda inconsistente na época. Tendo em conta a situação política das terras do leste europeu, torna-se ainda mais difícil fazer a distinção entre quem é e quem não é polonês.

Situando-nos no contexto brasileiro, indubitavelmente descobrimos que o termo “polonês” e “polaco” não são e nunca foram sinónimos, mas podemos dizer que, apesar de o primeiro ser criado para poder substituir o segundo, “o polaco” nasceu como uma reflexão de uma qualificação social pejorativa ligada com os motivos históricos da imigração do leste europeu. Como explica a estudiosa paranaense Doustdar, “o polonês não conseguiu ser reconhecido nem como brasileiro, nem como imigrante polonês. A expressão que no longo processo o transfigurou no consenso da sociedade local foi a sua aceitação como «polaco»” (Doustdar 1990: 128) E, da mesma maneira que o polonês difere do polaco, a polonesa quase nada tem a ver com a polaca. Porém, as diferenças não são paralelas, sendo “polaco” e “polonês” dois termos referentes ao mesmo grupo de pessoas. A problemática do “polaco” e “polonês” passa por campos semânticos diferentes que não serão abordados neste trabalho.²

Voltando ao próprio termo “polaca”, constatamos que este também tem uma história bastante complicada (justificada pela sua aparente proximidade ao gentílico “polonesa”), cheia de malentendimentos e ultimamente marcada pelas tentativas de superar uma mágoa provocada pelo preconceito e uma generalização injusta. As tentativas que, hoje em dia, visam à sua reinserção dentro do vocabulário português brasileiro, esquecem ou ignoram o peso semântico que o termo ganhou ao longo do tempo e que é impossível apagar ou rejeitar.³ Expor a sua ambiguidade e procurar as imagens que a sus-

¹ Zvi Migdal – uma organização judaica criada em Argentina que se ocupava do tráfico das escravas brancas nos em Argentina e no Brasil, sob as aparências de filantropia.

² Essa questão toma uma visibilidade maior e vem a ser discutida a partir do trabalho de Octavio Ianni. (Ianni 1972).

³ Atualmente alguns membros da comunidade dos imigrantes ou os seus descendentes estão a tentar adotar uma posição defensiva, ou até ofensiva em relação à imagem do imigrante polonês popularizada na sociedade. Ver: Iarochinski 2010, Tuleski 2008.

tentam parece-nos uma maneira muito mais desejável de lidar com a antipatia social que o termo suscita.

Tendo tudo isso em conta, torna-se legítimo excluir as associações da polaca com a mulher proveniente da Polónia, fato que encontra a sua correspondência no caso da mulata que, embora tenha surgido do encontro racial, adquiriu características que nada ou pouco têm a ver com a cor da pele (como aponta, por exemplo, Queiroz 1975). E, mais ainda, ao longo da pesquisa encontramos “polacas” apresentando a identidade que, quanto à identificação nacional, parece reclamar o direito de ambiguidade postulado pelo pós-modernismo, sendo as “polacas” representantes da etnia judia, húngara, espanhola...

Observando os comentários sociológicos da miscigenação brasileira, somos levados a crer que a polaca dificilmente encontra o seu lugar nela. Supostamente branca, desempenha funções surpreendentemente mais parecidas às da mulata, constituindo (ao lado da branca e da negra) o terceiro termo de que se fala pouco apesar do interesse que provoca. O esquema simplificado no dizer popular: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” (Freyre 2003: 48) é demasiado restrito para poder incluir a figura duplamente negada e excluída. Primeiro pelo polo branco – por ocupar uma posição subalterna, como se fosse menos do que uma mulher. Segundo, pelo polo negro – porque nunca foi considerada, apesar de certas semelhanças, como uma parte do grupo *a priori* inferiorizado. É notável que até a mulata, uma categoria ambígua e sem fronteiras claramente delimitadas, se encontra neste esquema, seja por ser uma figura mais enraizada e anterior, seja por corresponder melhor à visão que o brasileiro tem da composição racial da sua sociedade.

Vale a pena notar também uma estranha associação que se faz entre os representantes da raça negra e os emigrantes europeus residentes no Sul do Brasil – talvez mais evidente no caso dos polacos, já que não se menciona explicitamente as mulheres – mas que, na nossa opinião, podia ser estendido também para a polaca sulista. Estamos a falar de expressões tais como “o polaco é o negro do Paraná” e “preto ao avesso”, citadas por vários autores (ver: Ianni 1972, Miodunka 1996). A polaca – na sua primeira imagem da prostituta – já surge bastante parecida com a mulata, o que foi argumentado antes. Agora, na sua segunda variante, a da polaca sulista, junta em si também alguns traços da negra, associada ao trabalho e à escravidão. Os imigrantes europeus desempenharam no Brasil vários papéis importantes, entre os quais também o de substituir a mão-de-obra escrava, trabalhando sob condições diferentes do ponto de vista de direitos trabalhistas, mas, sem dúvida, numa dependência total das decisões do governo, que lhes atribuía terras e impunha maneiras de devolver os supostos custos da sua vinda.

Podemos traçar daí uma analogia para o caso da polaca-judia, vinda da Europa. Apesar de não ser escrava, tornava-se praticamente propriedade do seu explorador, dependendo dele em todos os níveis possíveis, começando pelo financeiro e concluindo com o emocional, já que não foram raros os casos de mulheres enganadas que protegiam os seus proxenetas a todo custo. Tal como a mulata, a polaca “constitui um membro da sociedade brasileira em que se espelham contradições e inconsistências sobre a maneira de nossa sociedade organizar-se” (Queiroz 1975: 15).

Flutuando entre os dois extremos sociais, numa trajetória semelhante à da mulata, a polaca não é uma só, sendo a distinção básica a divisão “polaca-judia” e “polaca-sulista” mencionada antes. Porém, o seu paradigma vem sempre marcado pelo trágico e pela fatalidade – embora haja casos das figuras que saem dos seus lugares predestinados e rompem os círculos viciosos do destino. Trata-se aqui dos casos das metamorfoses vividas por várias polacas na literatura e não só (cf. Knopf 1978), que conseguem ultrapassar a invisível fronteira que as separa de uma posição social pelo menos aceitável. Como, aliás, as mulatas que deixam de ser, quando chegam a melhorar o seu nível na estrutura social por exemplo por terem casado com um homem branco (Gilliam 1995: 6). A pergunta retórica que surge aqui é seguinte: será que ao escapar de um destino fatal conseguem quebrar o esquema ou estão apenas repetindo-o numa configuração diferente?

E qual é o destino fatal da polaca? É o de ser apenas um objeto, uma mercadoria (ou até “uma mercadoria negociada” como se considera a Polaca do livro de Inoue – 2006: 27). Como observa com muita razão Gilliam, “a mulher sexualizada é empurrada até uma posição de subjetividade de mulata” (Gilliam 1995: 6). Quer dizer, torna-se mulata não por razões objetivas tais como a cor da pele mas por ter inspirado um interesse sexual que a priva dos seus direitos de um ser independente. O mesmo acontece com a polaca que, viajando da Europa para a América do Sul sob as aparências de uma dama bem situada de sociedade e com o estatuto da “branca”, chega à terra onde a sua condição muda como se a viagem lhe tivesse mudado a cor da pele.

E mais ainda: “As mulheres brancas podem perder a honra pelo comportamento delas”, enquanto “as mulheres negras têm que lutar para adquiri-la” (Gilliam 1995: 6). Exerce-se um jogo de poder muito subtil e totalizador sobre a “polaca”: apelando à sua honra e aos valores mais prezados pela comunidade a que pertence, é-lhe oferecido um casamento, se não prestigioso, pelo menos digno e decente, para depois privá-la dessa honra cujo sentido a tem atraído. Em busca da sua afirmação social, conseguida através de um dos poucos meios acessíveis a uma mulher da época, isto é, um casamento vantajoso e prestigioso, a polaca não só não a atinge, como fica desvalorizada até ser expulsa da comunidade cujas regras (severas e promíscuas) tentou cumprir.

Voltando à questão anteriormente levantada: quando é que a polaca consegue sair da sua condição de um objeto vendido? O esquema repete-se em várias narrativas com alguns desdobramentos interessantes. Por exemplo, Esther (que é, aliás, um dos nomes mais comuns entre as polacas na literatura) do *Ciclo das Águas* (Scliar 1975) torna-se uma proprietária de uma casa de prostituição, reproduzindo e multiplicando a sua história nas das suas protegidas que, na narrativa de Scliar, não chegam a ser mencionadas. Outras acabam suicidando-se, encontrando nesse ato de autoaniquilação a única maneira de se afirmarem como sujeitos independentes da vontade dos outros.

Curiosamente, de objeto vendido, a polaca não raramente passa a ser uma predadora, um ser perigoso e lastimável ao mesmo tempo, que começa a ocupar o lugar antes reservado para o homem neste binómio de poder e subjugação. Tal como mulata, é considerada um fator perversor e hostil à ordem patriarcal que a criou, assediando e seduzindo os homens jovens e inocentes, como é o caso de Esther (Scliar 1975). A sensualidade que lhes é atribuída desde o início da sua existência social (restrita à indústria sexual) torna-se a chave que lhes abre a porta da primeira cela da cadeia. E que logo se

revela uma nova armadilha. Tanto a polaca como a mulata, ambas acabam por “explorar seus dotes físicos como recursos de auto-afirmação e como meio de libertar-se de fato (...) da sujeição total em que se encontrava como escrava” (Queiroz 1975: 29–30).

Tanto a polaca como a mulata sempre são representadas como possuidoras de extrema sensualidade, o que as transforma em objetos sexuais, limitados às suas qualidades libidinosas e, no melhor dos casos, aproveitando algum poder que graças a elas conseguem exercer. Em que consiste o charme sensual da polaca, ao mesmo tempo descrita como imunda e repugnante do ponto de vista moral? Tal como no caso da mulata, o fator essencial é o seu “exotismo da mulher atraente” (Queiroz 1975: 29).

Segundo Gilliam (Gilliam 1995: 9): “De todas as características físicas, é o cabelo que marca «a raça» e o que mais significa para mulher”. Portanto, o destaque que se dá ao cabelo da polaca não nos surpreende. A cor que mais vezes aparece é louro, cuja escolha pode ser explicada pelo fascínio observado por del Priore (2000: 76–77): “Depois das bonecas de louça, do final do Império, chegaram outras louras, muitas delas falsas. Eram as Mimis, prostitutas estrangeiras do cabelo «cor de fogo», carnes brancas e, na sua maioria, sotaque carregado”. No entanto, os motivos indicados pela autora – “a ideia de branqueamento das elites incomodadas com o mulatismo da população” e as teorias arianas alimentadas pela chegada dos imigrantes europeus – encontram-se com um paradoxo marcante que é o fato de a loura por um lado ser socialmente valorizada, como afirma del Priore, e ao mesmo tempo limitada à condição de uma prostituta, destinada a um circuito sexual que não inclui a reprodução. A polaca, embora seja loura e de pele clara, não é destinada a ser mãe de ninguém, a não ser de filhos bastardos que ainda agravam a sua miséria; a mulata, mesmo desejável e extremamente atraente ao nível sexual, também não se reproduz (Queiroz 1975: 122). “O papel social de esposa e mãe a que estava condicionada a mulher branca” (Queiroz 1975: 27) não lhes diz respeito.

Ainda seguindo a ideia do mesmo autor: ambas criaturas híbridas, a polaca e a mulata são esteticamente apreciáveis mas não aceitáveis moralmente. E talvez seja exatamente por possuírem este caráter híbrido que são lhes negadas as leis básicas da natureza; suprimindo as necessidades mais básicas e primitivas da parte masculina da sociedade e expulsas do discurso social oficial, não conseguem conceber, sendo esta uma das obrigações também mais primitivas e ocultas da mulher segundo o discurso patriarcal.

Servindo-nos de uma simplificação feita por Queiroz a propósito da mulata – que inclui dois polos, o positivo, relativo às suas vantagens sociais e físicas, e o negativo, que soma os seus defeitos – podemos encontrá-los também na figura da polaca. Sem dúvida, na literatura, pela sua descrição esquematizada e sem grande profundidade psicológica, a polaca podia ser chamada de personagem de costume. No entanto, parece-nos que no caso da polaca o que prevalece é o polo negativo, já que qualquer virtude que se poderia encontrar nela sempre é menos valorizada do que os traços negativos.

A polaca é o produto perfeito do mundo que a criou. Sendo estrangeira, é vista como alheia à sociedade que a explora e dela abusa. Não é incomum a imagem da “francesa” que lhe é mostrada como um exemplo a ser seguido, sendo “a francesa” apenas um outro nome da prostituta, porém, de uma categoria mais alta e mais apreciada. Portanto, a polaca, numa tentativa que seria sarcástica se fosse consciente, é forçada a tornar-se francesa, que também é apenas um estereótipo pseudocultural vulgar

e banalizado, por um capricho, colocado num lugar mais alto da escala. É interessante a situação análoga no caso do discurso sobre o mulato que, “trabalhando explicitamente com classificações raciais (...) recorre, implicitamente, a classificações sexuais” (Corrêa 2009: 243). A raça num caso e a nacionalidade noutra, ganha características que colocam o ser numa escala de atração sexual. A designação nacional, falando da polaca ou da francesa, realmente remete-nos a uma classificação de ordem sexual, e mais ainda, a uma hierarquia onde têm lugar certas avaliações que lhe permitem discernir entre uma polaca associada ao baixo meretrício e uma francesa que a ultrapassa nas (duvidosas) qualidades.

Talvez realmente seja “impossível tratar de raça sem tratar de sexo ou de sexualidade” (Corrêa 2009: 244). No trabalho da mesma autora, traça-se uma hipótese sobre o “branqueamento” dos homens (mulatos) ao ganharem um estatuto social reconhecido, junto com a sua aproximação ao polo masculino no *continuum* “Masculino/Feminina”. O homem é considerado mais masculino quando se afasta da esfera da raça negra e é considerado mais branco quando prova a sua masculinidade por meio de ascensão social. São processos simultâneos e interligados. Pensando na polaca, podemos testemunhar um processo inverso – o de ganhar uma posição mais “preta” e extremamente “feminina”, até chegar ao limite do feminino, que é a sua corrupção.

O trabalho de Queiroz, *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, logo no título levanta uma outra questão importante que podemos reformular aqui para servir também ao caso da polaca – será que existe um preconceito sobre a polaca? Falando da perspectiva sociológica, achamos viável acreditar que sim, particularmente no Sul do país, onde a comunidade polonesa tem mostrado muita indignação face às associações da “polaca” com a prostituta e a sua consequente ligação com o gentílico “polonesa”. A imagem da prostituta de cabelo claro e olhos azuis funde-se com a imagem da polaquinha paranaense, julgada pelos seus dotes físicos como apetitosa e (muito preconceituosamente) leviana. A obra literária de Dalton Trevisan (1983) sustenta com ainda mais força o preconceito contra a polaca, que se torna assim o preconceito não só da polaca-júdia prostituída, como também o preconceito contra a polaquinha-sulista. No livro de Inoue (2006), a Polaca (na maioria das vezes escrita com “A” maiúscula) ganha esse nome antes ainda de se tornar uma mulher da vida, numa exposição do seu apetite devorador pela vida e ambição desmesurada. E outras polacas do livro também não são chamadas assim por gentileza, para evitar uma palavra mais forte; pelo contrário, “aquela polaca” é o epíteto mais desprezador e grosseiro. Mas a própria personagem do livro, a Polaca “principal”, diríamos, parece tirar dessa alcunha mais força do que vergonha. Porque ser polaca não deve necessariamente significar ser vítima, tal como “cada mulata é tomada como uma ameaça, como um sério perigo...” (Queiroz 1975: 122). E é nessas polacas que estamos a pensar ao perguntar: Quem tem medo da polaca?, parafraseando o título de um dos livros de Trevisan (*Quem tem medo do vampiro?*). E porquê? Que insegurança pode provocar uma criatura tão fraca (na sua condição feminina) e vulnerável (na sua condição da prostituta desonrada)?

Qualquer tentativa de resposta passa por campos ideologicamente questionáveis. A famosa Madame Pommery, a personagem principal do livro de Tácito (1997), e presente também num excerto do romance de Amaral (1950), ganha um tom cómico exatamente quando lhe são associadas características vistas como masculinas, portanto,

impróprias para uma mulher, qualquer que seja a sua conduta moral. Não é ao se prostituir que ela provoca desprezo e ódio, mas ao tentar alcançar um poder sobre os que supostamente a deveriam dominar. Ela destabiliza a ordem de “uma sociedade tradicionalmente constelada na virilidade masculina em simetria com a virgindade feminina” (Queiroz 1975: 27). A polaca que “pede” (como no título do livro de Pernidji, *A última polaca ou Sarah pede: por favor não tragam flores à minha sepultura*) merece pena – que, aliás, se configura de um jeito chocante com o outro sentido da mesma palavra (“ter pena de alguém”) – mas a polaca que se revolta e faz da sua horrível rotina uma fonte de sustento ou até começa a criar nela o seu futuro, é um ser abominável e vil.

Por que chamar um certo tipo de prostituta de “polaca”, além dos motivos mais óbvios, que já foram apresentados? Utilizar um eufemismo além de uma designação direta e degradante também pode ser lido como uma exibição do poder masculino sobre a mulher. Quem nomeia, exerce o poder de criar a realidade na e pela linguagem. A implicação do nome é clara de tal maneira que não precisa ser explicada porque todos a entendem de imediato. Mas, silenciada desse jeito, ganha ainda mais força, passando à esfera do tabu, do indizível. Quem tem medo, evita chamar o objeto que o assombra e espanta. Criar uma etiqueta que categoriza *a priori* ajuda a diminuir a tensão nascida no momento quando se precisa aludir ao indesejável.

Na visão de Queiroz, a mulata é uma “encarnação inquietante e perturbadora” (Queiroz 1975: 12) do “eterno feminino”. A polaca por sua vez, espantando e atraindo ao mesmo tempo, poderia representar uma versão corrompida e deturpada deste mito, a sua reinterpretação na condição do *fin-du-siècle*. Construído de uma nova época que, junto ao progresso e ideias modernas traz a depravação e a degeneração, a polaca reflete em si a sociedade que a criou e que a sustenta. Inserida dentro da cidade, nos seus esconderijos fétidos e torpes, provoca indignação e repugnância mas também um desejo doentio que faz dela uma mercadoria procurada. Ou, num enfoque mais perverso ainda, brilha nos salões e cabarés da cidade em crescimento, espalhando a imoralidade e a obscenidade e maculando tudo com suas artimanhas sórdidas. Vale a pena referir aqui também a ligação que existe, no caso da mulata, entre ela e o meio que habita: o subúrbio, o cortiço, os lugares que, apesar de serem uma parte da cidade, representam as suas desvantagens e perigos, nas constantes críticas sociais dos escritores e jornalistas da época.

E quais as diferenças entre a mulata e a polaca? Segundo Queiroz:

A mulata atua na trama de ficção, sem chegar a ter consciência de que é aí um agente de precipitação, provocador do remate da narrativa. E os próprios escritores, em sua maneira de utilização da mulata como personagem, também revelam tal familiaridade com o preconceito que envolve esse tipo, que já não chegam, ao que tudo indica, a ter consciência de que manipulam um estereótipo. (Queiroz 1975: 16)

No caso da polaca, parece-nos que a sua estereotipização é um método propositado, começando pela escolha do apelido “polaca”, que tem como objetivo evocar uma série de imagens de um padrão do feminino que antes descrevemos como o eterno feminino corrompido. De tal maneira que, na narrativa de Inoue, a Polaca ganha esse nome muito antes de começar a sua vida de prostituta no Brasil.

Apesar de ser um elemento literário comum e explorado em diversas obras, a mulata “não chega a constituir preocupação exclusiva como personagem literária em nenhum desses trabalhos” (Queiroz 1975: 17). Cabe-nos refletir sobre a questão de protagonismo também no caso da polaca. Em geral, podemos destacar duas tendências que depois nos revelam duas funções principais da polaca na narrativa. A primeira é inclui-la na narrativa como uma personagem coletiva, esboçando assim um panorama social mais vasto. A essa vertente pertencem por exemplo os livros de Pernidji (1985) ou Largman (1994). As polacas neles desenhadas não têm características distintas, antes parecem constituir um grupo fechado e uniforme, obviamente cedendo espaço para algumas pequenas histórias pessoais, embora praticamente todas seguindo os mesmos esquemas dramáticos. Neste caso, o livro tem compromisso de cunho social, atraindo a atenção do leitor para a injustiça e a miséria que as criaturas inocentes sofrem e avisando sobre o estado vil e indecente da sociedade. Para cumprir esse objetivo, o estilo dos livros aproxima-se ao de um relato jornalístico com pretensões historiadoras, sem alcançar um nível muito rebuscado, embora mantendo as aparências de verosimilhança.

A segunda tendência é apostar na história individual de uma mulher, retratando o seu percurso desde muito cedo – no caso de Madame Pommery, desde a proveniência dos seus pais, e no caso de Esther do *Ciclo das águas*, desde a sua infância na Polónia. Curiosamente, são estas as obras que fogem um pouco do estereótipo, não chegando a ser previsíveis. Tomando emprestado as palavras de Queiroz (1975: 36) sobre a mulata, podemos afirmar que as protagonistas “servem para provocar a eclosão de certos acontecimentos, para revelar o carácter e as intenções de várias pessoas, para restabelecer novos esquemas de vida”. O pano social continua a existir e também tem o seu papel, mas a atenção é focada em processos mais psicológicos do que históricos e que têm lugar muito mais profundamente no tecido da sociedade. Nestes casos, a polaca ultrapassa o simples “papel de objeto de satisfação da sensualidade masculina”, previsto para ela por exemplo por Freyre (Queiroz 1975: 102) e começa a se autoconstituir como um elemento perturbador.

Queiroz reconhece ainda uma outra classificação dos papéis da mulata: o individual, que tem a ver com as relações pessoais que ela produz e os seus efeitos na vida de outras personagens e da coletividade, “quando põe a prova padrões, sistemas ou instituições, das quais faz transparecer as inconsistências e inadequações” (Queiroz 1975: 118). No caso da nossa interpretação, essa leitura encaixa-se bem na divisão apresentada. As polacas como Esther aparecem como um pretexto para narrar uma história individual específica, além de ser socialmente localizada enquanto que as polacas vagamente esboçadas constituem um motivo para fazer um comentário mais geral sobre a condição de uma sociedade inteira.

A mulata não encontra o seu lugar dentro do grupo das personagens trágicas, afirma Queiroz, e atribui-lhe o estatuto de uma “quase-caricatura, não necessariamente por ser jocosa, mas pela simplificação e fixidez de traços com que é construída e apresentada” (Queiroz 1975: 120). Talvez por ser, apesar de tudo, aparentemente branca, a polaca é desenhada numa tonalidade muito mais trágica do que cómica. Porém, existem também muitas cenas nos romances do primeiro tipo, como por exemplo no livro de Pernidji

(1985), em que a sua estereotipização a torna uma figura banal e caricatural, por exemplo ao descrever os seus apetites para a comida exótica.

Corrêa afirma que “A mulata é puro corpo, ou sexo, não «engendrado» socialmente” (Corrêa 2009: 242) e ao mesmo tempo traça uma linha de distinção entre ela e o mulato, apontando para a ambição do mulato de se pronunciar como um agente no discurso social enquanto a mulata é apenas capaz de perturbar a ordem social constituída. A polaca começa a ser uma criatura “engendrada” a partir do momento em que ganha a consciência de si própria e reclama o seu direito de se autoconstituir na sociedade em que foi inserida sem querer. É curioso ver como se torna uma proletária, por exemplo na visão de José Lins do Rego (1982, 1956), fazendo parte do extrato social mais baixo e sendo reinserida dentro da sociedade em que a consciência das classes começa a nascer.

Resumindo – estamos longe de implicar à polaca o interesse em ganhar o estatuto de “símbolo nacional” (Corrêa 2009: 241), atribuído à mulata. Examinar a problemática das polacas nas suas diversas aparições e desdobramentos é possível a partir de uma aproximação com a mulata, mas esse não é o único caminho para este desafio.

A polaca solicita, humildemente como no título do livro de Pernidji, algum interesse da parte dos pesquisadores da literatura brasileira e responder-lhe cabe-nos a nós. Primeiro, porque a “polaca”, mesmo sem ser um ato intencional, acaba sendo associada à memória das imigrantes polonesas e segundo, porque a polaca – que não é polonesa – bem pode ser o símbolo de uma criatura híbrida, suspensa entre dois polos e dois continentes, num jogo sutil de género. Uma criatura que representa não só as misérias do imigrante, como as da mulher, duplamente subjugada por poderes discursivos e sociais que a constituem. E, tal como a mulata que é “a própria síntese do elemento social contraditório e perturbador, coisa que parece ser a sua situação real em nossa sociedade” (Queiroz 1975: 118), a polaca é a própria síntese do elemento feminino em transgressão. O elemento que, ao tentar afirmar-se como tal, corre o perigo de se deixar enclausurar num estereótipo opressivo e negativo.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL Edmundo, 1950, *A grande cidade*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- CORRÊA Mariza, 2009, Sobre a invenção da mulata, (in:) Adriana Piscitelli et al., *Olhares feministas*, Brasília: Ministério da Educação & UNESCO.
- DOUSTAR Neda Mohtadi, 1990, *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito*, Tese de Mestrado, Curitiba: UFPR.
- FREYRE Gilberto, 1980, *Casa grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Círculo do Livro.
- GILLIAM Angela e Onik’a, 1995, Negociando a subjetividade da mulata no Brasil, *Estudos Feministas* 3(2), “Dossiê Mulheres Negras”.
- HOLANDA Sérgio Buarque de, 1995, *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- IANNI Octavio, 1972, *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- IAROCHINSKI Ulisses, 2010, *Polaco. Identidade cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia*, Curitiba: edição do autor.
- INOUE Ryoki, 2006, *Saga: a história de quatro gerações de uma família japonesa no Brasil*, São Paulo: Globo.

- KNOPF Sally, 1978, *Humilhação e Luta – Uma Mulher no Inferno Verde*, Brasília: Thesaurus.
- LARGMAN Esther, 1994, *Jovens polacas*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- MIODUNKA Władysław, 1996, „O negro do Paraná é o polaco” czyli o przemianach tożsamości polskiej w Brazylii, (in:) Tadeusz Paleczny (red.), *Emigracja – Polonia – Ameryka Łacińska*, Warszawa: CESLA.
- PERNIDJI Maurício Eskenazi, 1985, *A última polaca ou Sarah pede: por favor não tragam flores à minha sepultura*, Rio de Janeiro: Editora SERJ.
- PRIORE Mary del, 2000, *Corpo a corpo com a mulher – pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*, São Paulo: SENAC.
- QUEIROZ JÚNIOR, Tófilo de, (1975), *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, São Paulo: Ática.
- REGO José Lins do, 1956, *O moleque Ricardo*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- REGO José Lins do, 1982, *Usina*, Rio de Janeiro: José Olympio.
- SCLIAR Moacyr, 2000, *O ciclo das águas*, Porto Alegre: L&PM.
- TÁCITO Hilário, 1997, *Madame Pommery*, Campinas: Editora da UNICAMP & Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- TREVISAN Dalton, 1983, *A Polaquinha*, Rio de Janeiro: Record.
- TULESKI Soeli Aparecida, 2008, *Imigração polonesa. A família Tulecki no Brasil*, Porto Alegre: ROE.

Summary

A “polaca” (Polish Woman) – a Mulatto inside out?

The following paper deals with the subject of the presence of European immigrants called “polacas” in Brazilian history and points to some of their performances in the literature. It introduces the distinction between two feminine types – the Jewish woman, kidnapped to a brothel and the voluntary immigrant from the Eastern Europe – as well as makes a reference between their stereotypes and the image of the mulatto woman, being the latter an element already existing in Brazilian culture. The article reflects about the similarities and the differences between them, shaped by the patriarchal discourse and attempts an analysis of their literary images.

Streszczenie

„Polaca” (Polka) – mulatka na opak?

Artykuł podejmuje temat obecności w brazylijskiej historii europejskich imigrantek zwanych „polacas” oraz wskazuje na ich przedstawienia w literaturze. Wprowadza rozróżnienie między dwoma typami kobiecymi – uprowadzoną do domu publicznego Żydówką oraz dobrowolną imigrantką z terenów wschodniej Europy – i odnosi dotyczące ich stereotypy do obrazu mulatki, elementu obecnego już wcześniej w brazylijskiej kulturze. Rozważa istniejące między nimi podobieństwa i różnice, kształtowane przez patriarchalistyczny dyskurs, oraz podejmuje próbę analizy ich literackich wizerunków.